

REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM DISSERTAÇÕES ARGUMENTATIVAS DE CONCLUINTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ORQUESTRAÇÃO DE VOZES NA CONSTRUÇÃO DO POSICIONAMENTO AXIOLÓGICO

Representations of women in dissertations argumentative of graduates of basic education: the orchestration of voices in the construction of axiological positioning

Aline Milena Borges da Silva Dias
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

A multiplicidade de vozes é um constituinte fundamental na produção de gêneros fundamentalmente escolares, como a dissertação-argumentativa. Mais do que a expressão de uma opinião, importa, nesse tipo de enunciado, a utilização de estratégias argumentativas em prol do convencimento do leitor (BRASIL/INEP, 2020). Dentre essas, destaca-se a orquestração das diversas vozes sociais, pois, apesar de o espaço concedido ao discurso alheio ser fundamental para o estabelecimento da comunicação discursiva, é o modo como o sujeito as combina que possibilita a organização estratégica dos discursos articulados para a defesa de uma tese (POLACHINI, 2014). Este trabalho objetiva analisar a orquestração de vozes sociais na construção de um posicionamento axiológico em relação à mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica. À vista disso, a fundamentação teórica baseia-se principalmente nos trabalhos de Bakhtin (1997; 2006), Faraco (2009), Guariglia (2012), Polachini (2014), Rodrigues e Rangel (2015) e Vidon (2012). A pesquisa foi realizada em uma escola pública da cidade de Recife (PE), onde foram coletadas 69 produções, das quais 5 foram escolhidas pelo critério de Amostragem Aleatória Simples (AAS). Ao fim, constatou-se a ocorrência do discurso alheio demarcado e do discurso bivocal, com a predominância daquele. Nos dois casos, as palavras alheias foram reacentuadas, gerando sentidos de complementação, negação, distorção, ironia, sátira, etc.

Palavras-chave: mulher; dissertações argumentativas; orquestração; vozes; posicionamento axiológico

ABSTRACT

The multiplicity of voices is a fundamental constituent in the production of fundamentally school genres, such as the argumentative dissertation. More than the expression of an opinion, it is important, in this type of statement, the use of argumentative strategies in favor of convincing the reader (BRASIL/INEP, 2020). Among these, the orchestration of the various social voices stands out, because, although the space granted to the discourse of others is fundamental for the establishment of discursive communication, it is the way the subject combines them that enables the strategic organization of articulated discourses for the defense of a thesis (POLACHINI, 2014). This work aims to analyze the orchestration of social voices in the construction of an axiological position in relation to women in argumentative dissertations of graduates of basic education. In view of this, the theoretical foundation is mainly based on the works of Bakhtin (1997; 2006), Faraco

(2009), Fiorin (2011), Guariglia (2012), Polachini (2014) and Rodrigues and Rangel (2015). The research was conducted in a public school in the city of Recife (PE), where 69 productions were collected, of which 5 were chosen by the criterion of Simple Random Sampling (AAS). Finally, it was found the occurrence of the demarcated alien discourse and the bivocal discourse, with the predominance of that. In both cases, the words of others were reactivated, generating meanings of complementation, denial, distortion, irony, satire, etc.

Keywords: women; argumentative dissertations; orchestration; voices; axiological positioning

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de assumir um posicionamento é, cada vez mais, uma realidade dentro e fora do ambiente escolar, tendo em vista, por exemplo, a popularização das redes sociais e o aumento do acesso à informação. Situando-nos na perspectiva bakhtiniana, segundo a qual o dialogismo caracteriza o funcionamento da linguagem (BAKHTIN, 1997), compreendemos que esse posicionamento se mantém sempre em interação com outros e pode manifestar, em resposta a eles, as mais diversas relações, como concordância, desacordo, refutação ou antecipação, o que faz do signo o lugar da luta social, onde interesses sociais contraditórios se entrecruzam e fundam sua plurivalência (BAKHTIN, 2006).

Nesse contexto, a multiplicidade de vozes é um constituinte fundamental na produção de gêneros fundamentalmente escolares, como a dissertação argumentativa, que se caracteriza, principalmente, pela mobilização de ideias em defesa de um ponto de vista. Mais do que a expressão de uma opinião, importa, para tal trabalho, a utilização de estratégias argumentativas em prol do convencimento do leitor (BRASIL/INEP, 2020). Dentre essas, destaca-se a orquestração das diversas vozes sociais, pois, apesar de o espaço concedido ao discurso alheio ser fundamental para o estabelecimento da comunicação discursiva, é o modo como o sujeito as combina que possibilita a organização estratégica dos discursos articulados para a defesa de uma tese (POLACHINI, 2014), isto é, do posicionamento axiológico.

Logo, mesmo de maneira pouco consciente, o reconhecimento de que não está sozinho em seu dizer estimula o aluno a não apenas expor sua opinião, mas também a se empenhar em levar o interlocutor a aderir a ela, a buscar persuadir e a tentar convencê-lo acerca do valor de verdade de seu enunciado frente a outros, isto é, a produzir um texto dissertativo-argumentativo (GARCIA, 2010). Quando esse processo se realiza em instâncias formais, como a escolar, em que a modalidade escrita da língua é especialmente valorizada, nota-se que o gênero ainda representa significativas dificuldades para os escreventes no que se refere às habilidades para construção de seu ponto de vista, como a mobilização e orquestração de outras vozes no enunciado.

Paradoxalmente, como solução, tem-se frequentemente recorrido a modelos pré-estabelecidos, formas prontas (e esgotadas) de desenvolver o gênero, tornando a sua escrita, além de enfadonha, não autoral, mas reproduzível. Portanto, há em curso um processo didático-pedagógico de homogeneização, no qual se busca enquadrar os enunciados dos estudantes, sujeitos do discurso (VIDON, 2012), que, se por um lado são avaliados pela configuração ou não de uma autoria, por outro são orientados a assumir “uma infraestrutura textual comum a textos dissertativos prototípicos” (VIDON, 2012, p. 425).

Por essa razão, a dissertação argumentativa tem sido recorrentemente associada nos últimos anos a uma escrita artificial, descontextualizada e monológica (produto de um ser isolado no mundo). Isso porque, estando situada em importantes práticas sociais avaliativas - tal como o ENEM, atualmente principal meio de acesso ao ensino superior no Brasil -, terminou por ser concebida de fato assim, como um tipo de enunciado de estrutura fixa, traduzida na seleção de certos recursos considerados obrigatórios (SILVA, R. 2020). Nessas condições, entende-se que, se há um interlocutor para o aluno, esse é apenas o indivíduo que avalia, desconsiderando as demais relações que perpassam o exercício argumentativo, como entre o sujeito-produtor e a proposta de redação e o sujeito-produtor e o meio sócio-histórico (GUARIGLIA, 2012).

Em consequência, o uso da dissertação argumentativa não é acompanhado pela compreensão a respeito da atividade discursiva que ele instaura, ao ser realizado em determinadas condições de produção (BRASIL, 1998). Em contrapartida, a autoria do sujeito só pode se fundar nessa historicidade, isto é, na inserção do texto em um quadro histórico que lhe dê sentido, assim como em uma forma pessoal de agenciar os recursos discursivos, dentre os quais está a ação de dar voz a outros enunciadores (POSSENTI, 2002).

Por tais razões, o estudo da orquestração de vozes em dissertações argumentativas produzidas por alunos concluintes da educação básica traz a vantagem de mapear e entender tais problemas, ao percorrer o caminho traçado pelo aluno na “costura” de enunciados com os quais o seu dizer dialoga na construção do posicionamento axiológico. Do mesmo modo, lança luz sobre a utilização do discurso citado, como forma do dialogismo composicional (FIORIN, 2011), que, na dissertação argumentativa, ganha um peso maior por sua associação com a noção de repertório, um elemento que compõe uma das competências de avaliação da redação no ENEM.

Nesse particular, ainda conforme a nomenclatura do Exame e para além de seus objetivos imediatos, o estudo permitirá constatar quais condições configuram um uso de repertório pertinente e produtivo, na medida em que se observa a relação do enunciado introduzido com a temática e como ele se articula à voz do aluno, passando, então, a ser ampliado, elogiado, rechaçado, etc. (SILVA, T., 2020)

Ademais, não se esquecendo do vínculo indissociável entre o enunciado e a situação concreta, terreno onde o elemento verbal cresce juntamente com outras formas de comunicação (BAKHTIN, 2006), a pesquisa possibilitará entender o papel do contexto imediato assim como do meio social mais amplo na constituição do enunciado do aluno. De fato, sem a situação extraverbal, não é possível nem mesmo haver significação (VOLOSHINOV; BAKHTIN, [s.d.]). Portanto, a análise das entonações expressivas das palavras levará a compreender como um determinado evento da vida é apreendido de modo específico pelo sujeito em seu discurso, dando origem a julgamentos e avaliações oriundos de um processo tanto de reflexão quanto de refração de uma determinada realidade (BAKHTIN, 2006).

Paralelamente, o tema selecionado para a escrita das dissertações argumentativas também configura a proposta de trabalho como relevante, por mediar reflexões acerca de questões como a igualdade de direitos entre gêneros, pautadas nas leituras contemporâneas do que é ser mulher ou mesmo quais papéis e espaços se pode ocupar nessa condição. Logo, na esteira das vozes unidas na tematização desse mesmo objeto - principalmente, de forma mais imediata, aquelas provenientes do atual cenário político brasileiro -, o estudante terá diante de si a oportunidade de perceber tais vozes e, a partir delas, orientar a própria

argumentação a partir de um posicionamento responsável, fruto da consciência de se estar diante de um problema, a despeito dos avanços, não plenamente contornado.

Para esta pesquisa, selecionou-se como tema motivador da produção “A figura da mulher na sociedade brasileira contemporânea”, a fim de observar como os alunos dialogam com as diversas representações sociais da mulher para construir seu ponto de vista em relação à imagem feminina. A escolha do tema se deu pela sua relevância no cenário hodierno do país, uma vez que ainda hoje é possível notar, em diversos espaços sociais, uma flagrante desigualdade nas relações de gênero. Frequentemente, surgem debates que revelam valorações negativas do que é ser mulher, ligadas a uma mentalidade antiga já denunciada pela luta histórica feminina, segundo a qual “a exclusão de direitos é justificada pela “valoração do sexo feminino como inferior biológica, psicológica e ontologicamente.” (NASCIMENTO, 2021, p. 192). Isso, diga-se de passagem, vai ao encontro da afirmação de Bakhtin (1997) de que nenhum sentido está morto, mas festejará um dia o seu renascimento.

A título de exemplo, podem ser mencionados os dados apresentados pelo IBGE na pesquisa “Estatísticas de Gênero”, de março de 2021. No indicador de educação, foi constatado que, embora os índices de ensino superior completo sejam maiores entre as mulheres (com exceção do grupo de 65 anos ou mais), principalmente na população jovem, existe uma maior dificuldade para atuar em determinadas áreas do conhecimento, como as ligadas à tecnologia, e em determinados cargos, como o de docência no ensino superior.

Quando se considera a participação na vida pública e tomada de posição, os resultados do levantamento são ainda piores. O Brasil vive uma sub-representação, mantida, segundo estudos eleitorais, dentre outras razões, pela falta de apoio às candidaturas femininas. Por conseguinte, em 2020, o Brasil era o país da América do Sul com a menor proporção de mulheres exercendo mandato parlamentar na câmara dos deputados e ocupante da 142ª posição de um ranking com dados para 190 países (IBGE, 2021, p. 8).

Logo, este trabalho tem por objetivo geral analisar a orquestração das diversas vozes sociais na construção de posicionamentos axiológicos em relação à mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica. Para tanto, tem como objetivos específicos (1) entender a importância das relações dialógicas para a emergência de um ponto de vista; (2) observar como o gênero dissertação argumentativa, com suas propriedades, possibilita a expressão do posicionamento axiológico; (3) verificar as formas como a situação extraverbal se integra ao enunciado dando-lhe significação.

O artigo está organizado do seguinte modo: além desta primeira seção de introdução, na seção seguinte, apresentamos a fundamentação teórica do trabalho, com a discussão de conceitos-nodais para o desenvolvimento do tema escolhido; na terceira seção, caracterizamos a metodologia de pesquisa adotada e descrevemos os procedimentos realizados em sua aplicação; na quarta, trazemos a análise dos enunciados dos alunos; na quinta, por fim, as considerações finais.

2 DISSERTAÇÃO ARGUMENTATIVA: DESCOBRINDO O CAMINHO DAS VOZES

2.1 As faces do diálogo na dissertação argumentativa

Segundo Bakhtin (2006, p. 17), toda enunciação é uma forma de réplica e não existe fora de um contexto social, pois cada locutor tem seu próprio horizonte,

“pensa e se exprime para um auditório social bem definido”. Nesse sentido, a dissertação argumentativa é um exemplo interessante da operação desse modo dialógico, porquanto ativa uma série de inter-relações responsivas em sua construção, instaurando um evento comunicativo concreto e único, onde “a língua comum se encarna numa forma individual” (BAKHTIN, 1997, p. 284).

O estudo da dissertação argumentativa implica considerar diferentes tipos de dialogismo. Na distinção adotada por Mendes e Costa (2020), primeiramente há o dialogismo constitutivo da língua, pois as palavras, como signos, têm materialidade/essência no ideológico e, assim, representam a realidade de um lugar valorativo (RODRIGUES e RANGEL, 2015). Por tal motivo, a nomeação é tão importante no trabalho argumentativo, uma vez que revela a percepção do indivíduo em relação ao objeto de discurso e aos que o nomeiam de forma diferente (CUNHA, 2017). Por seu sentido amplo, tal acepção é a mais frequentemente abordada nas teorizações sobre o dialogismo.

Tratando desse primeiro conceito, Fiorin (2011) coloca que o enunciado tem o poder de revelar duas posições, exibir seu direito e seu avesso. O autor exemplifica a questão com o enunciado “Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual”, explicando que ele só pode ser entendido à luz de um enunciado de valor contrário, ou seja, racista. Ressalta-se que esse movimento responsivo é evidente nas dissertações argumentativas, principalmente pelo fato de a sua escrita ser normalmente *motivada*, não apenas pela leitura dos textos componentes da proposta temática, mas também pela mediação feita pelo professor e pelos colegas durante a atividade.

Essas influências norteiam a produção do estudante de tal modo que, em certos casos, constituem as principais únicas vozes que ele toma para expressar o seu ponto de vista. Então, o aluno tensiona o seu discurso interior com o que lhe é apresentado e, nesse mesmo discurso interior, apreende e aprecia o discurso do outro (WITTKE, 2018). É o que mostra Guariglia (2012, p. 90):

A construção do raciocínio opinativo crítico — e não somente expositivo — não dispensa a contraposição de discursos, pois a gênese de um discurso é o seu contraditório. Assim, mesmo um sentido do senso comum passa pela dialética de seu avesso, apesar do eventual apagamento desse avesso no exercício da argumentação.

Em segundo lugar, tem-se o dialogismo composicional, o diálogo no plano dos enunciados. Ele pode se dar de maneira implícita (interdiscursiva) ou evidente (intertextual), quando se “pega emprestado” o discurso do outro para compor o próprio (MENDES e COSTA, 2020). Tal tipo é também não apenas esperado como natural nas dissertações, pois a inclusão de outras vozes, a demarcação do sujeito produtor como um *eu* frente a *outro(s)*, ajuda o sujeito a compor o seu posicionamento autoral (NÓBREGA e ABREU, 2015), manifestado, além das escolhas de palavras, nas formas de enquadramento de dizeres do outro, nos comentários prévios ao discurso citado, nas reacentuações, nas formulações etc. (CUNHA, 2017).

Nóbrega e Abreu (2015, p. 253) mostram também que, na produção textual escolar, geralmente os alunos utilizam as vozes mais ligadas às suas experiências pessoais. Conforme as autoras, “o ato de argumentar está relacionado às vozes presentes no contexto cultural e é constituído por discursos ideológicos que colaboram para a persuasão e para o convencimento do outro”. A grandeza do pensamento bakhtiniano está, entre outros fatores, em perceber que, no momento

em que constroem o enunciado, essas interações com outros seres humanos e com o meio constroem também o próprio indivíduo, fazendo-o único em sua individualidade, responsabilidade e papel social (PETRUS *et al*, 2022).

O aluno, portanto, não vai “vazio” para a escrita de sua dissertação, como um sujeito neutro e monológico a mobilizar apenas vozes externas, nem sai dessa situação comunicativa específica sem modificar-se. Assim como a cadeia verbal de enunciados, ele mesmo é um ser inacabado e em processo, e, desse modo, a sua participação nos diversos contextos enunciativos gera consequências mais profundas em sua própria personalidade. Como explica Petrus *et al* (2022, p. 18, grifos nossos), “o enunciado assume completude e incompletude, *divergências discursivas* gerando alteridade, pois habita em meio a interação entre *sujeitos díspares* que se colocam como *autores*, aqueles que *dizem a palavra e se apropriam do mundo* e ao mesmo tempo *são alterados pela palavra alheia*.”

Nesse panorama, conforme Faraco (2009), cabe pensar a linguagem na interação não como estrutura, mas sim como atividade, produto de uma ação intersubjetiva que, internalizada, torna-se intrasubjetiva. Nos termos do autor,

É a linguagem que funda, para Bakhtin e seu Círculo, a articulação social/individual. Sua materialidade permite uma abordagem não-idealista da consciência; sua heterogeneidade, uma abordagem não-determinista; e sua dinâmica responsiva é o ponto de convergência do individual e do social (FARACO, 2009, p. 151-152).

A propósito, a expressão “divergências discursivas” de Petrus *et al* (2022) requer aqui um comentário. Entrar no diálogo pressupõe o conflito, o entrechoque com palavras interiorizadas, que ora operam como voz de autoridade, centrípeta e resistente à adesão a outras vozes, ora como voz internamente persuasiva, centrífuga e aberta à mudança (FARACO, 2009). Logo, o enunciado do aluno é, na realidade, um mosaico de enunciações, algumas muitas vezes esquecidas, as quais compõem a memória discursiva que ele inconscientemente toma como base para formular seu discurso (MUSSIO, 2015).

Dessa forma, ainda de acordo com Faraco (2009, p. 86), a reelaboração de enunciados alheios pode efetuar-se no jogo com a alteridade não percebida, mas constitutiva e constituinte do enunciado, ou com a alteridade reconhecida e usada pelo indivíduo como meio para construção de sentidos, pela expressão a um só tempo da palavra do outro e da perspectiva com que o eu¹ a toma. No enunciado do sujeito, as palavras de outrem “são citadas direta ou indiretamente, são aceitas incondicionalmente ou são ironizadas, parodiadas, polemizadas aberta ou veladamente, estilizadas, hibridizadas”. Esse evento configura o discurso bivocal – *a palavra a duas vozes* (BAKHTIN, 1997).

¹ Cabe dizer que essa dicotomia considera o instante da enunciação em que se encontram os interlocutores, já que, tanto nas teorias enunciativas de Bakhtin (cf. 1997; 2006) e Benveniste (cf. 1988; 1999) e da argumentação de Ducrot (cf. 1987), o eu e o outro (falante e receptor no esquema tradicional de comunicação) podem ser entendidos como figuras dinâmicas, intercambiáveis, definidas no interior do circuito comunicativo. Assim, na teoria dialógica, fala-se da palavra como uma espécie de ponte apoiada necessariamente em duas extremidades, locutor e ouvinte, e no papel ativo desses participantes do diálogo, os quais são, na realidade, ambos sujeitos falantes (BAKHTIN, 2006). Na visão benvenistiana, o *eu locutor* também pressupõe o *outro alocutário*, mas de maneira distinta, por circunscrever-se ao campo linguístico (FLORES e TEIXEIRA, 2009). Por fim, na visão de Ducrot, um *eu locutor* produz discurso para um *tu interlocutor*, atribuindo um sentido argumentativo à enunciação, o qual é presente já no sistema da língua (BARBISAN, 2006).

De volta à questão das formas do dialogismo, Brait (1994) traz exemplos que possibilitam sumarizar tais especificidades dessas relações de sentido entre enunciados. O primeiro caso citado pela autora é o dialogismo intencional, já apresentado, o qual possibilita aproximar vozes que nunca se cruzaram, mas que, ao serem confrontadas em um mesmo espaço material, resultam num discurso dialógico. O segundo exemplo compreende a terceira e última acepção de dialogismo da sequência aqui apresentada, o dialogismo do próprio sujeito:

Da mesma forma, e de uma perspectiva psicanalítica, há o dialogismo não-intencional, representado pelas inúmeras vozes que habitam um indivíduo, constituindo a fala interna e condicionando um incessante diálogo, pois, para Bakhtin, os elementos históricos, sociais e linguísticos atuam de forma decisiva no cerne da personalidade do indivíduo e se manifestam de forma dialógica em seus discursos (BRAIT, 1994, p. 24-25).

Logo, conforme Mendes e Pereira (2020, p. 19), “a dialogia sempre remete a uma relação – entre signos, entre enunciados e entre indivíduos”, e “essas relações só podem existir a partir dos atos de fala, de escrita, de produção de enunciados, ou seja, da enunciação.” Em suma, tal qual os sujeitos, os textos só se constituem quando em contato com outros textos, tornando possível ver o que está dentro e o que está à frente, e visualizar não somente outros textos, mas os elementos extratextuais (BARONAS; ARAUJO; PONSONI, 2013).

2.2 Palavras e contra-palavras: o lugar do posicionamento

Escrever, naturalmente, é uma atividade desafiadora, pois não há como calar os outros falantes vivos no enunciado que se elabora. Conforme Ponzio (2010), o destinatário da palavra tem uma posição de quem responde de forma ativa, e essa posição responsiva está em jogo desde o início do encontro de palavras, às vezes, literalmente, desde a primeira palavra do falante. Da mesma forma, o estudante se vê às voltas com seu enunciado já no momento da leitura da proposta temática – em que sua compreensão ativa carrega o germe da resposta (BAKHTIN, 2006, p. 135), Dessa maneira,

Como a palavra lida é sempre o momento e lugar da “startização” de muitas outras palavras do leitor, suas contrapalavras, a compreensão resulta não do reconhecimento da palavra aí impressa, aí ouvida, mas do encontro entre a palavra e suas contrapalavras (na metáfora bakhtiniana, na faísca produzida por este encontro) (GERALDI, 2002, p. 5).

Do mesmo modo, a compreensão não se trata de “mera experiencição psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que, diante de um texto, gera outro(s) texto(s),” (FARACO, 2009, p. 42). Esse processo é infinito e inacabado, pois a ampla cadeia verbal de enunciados não tem nem princípio nem fim absolutos. Consequentemente, o aluno falante é também um respondente, pois não foi o primeiro a enunciar, e a relação de seu dizer com as coisas nunca é direta. Suas palavras não tocam as coisas, antes penetram a tensa camada de discursos sociais que as recobrem (FARACO, 2009, p. 49) para formar ali um acontecimento discursivo denso de suas próprias condições de produção, em que “estruturas linguísticas que inevitavelmente se reiteram também se alteram, a cada passo, em sua consistência significativa.” (GERALDI, 2002, p. 4).

Os limites do enunciado são, pois, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso, já que “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um

acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva.” (BAKHTIN, 1997, p. 295). Essa resposta, ainda que venha sob a forma de silêncio, já é por si uma tomada de posição, uma expressão do posicionamento axiológico, pois o sujeito não tem a opção de ser indiferente a tudo que não seja ele, isto é, o outro. É obrigado a agir, mesmo que o faça apenas interiormente (BAKHTIN, 2010, p. 99). Nesses termos,

o diálogo não é o limiar da ação mas a própria ação. Tampouco é um meio de revelação, de descobrimento do caráter como que já acabado do homem. Não, aqui o homem não apenas se revela exteriormente como se torna, pela primeira vez, aquilo que é, repetimos, não só para os outros mas também para si mesmo. Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar. (BAKHTIN, 2013, p. 281)

Portanto, o enunciado se faz duplamente endereçado - a uma parte anterior e à outra futura -, e, nessa fronteira, é um lugar de conflito, onde índices sociais de valor se entrecrocaram e fazem emergir, no mesmo material semiótico e no mesmo signo, uma nova forma de recortar o mundo, uma nova axiologia, que resulta nas inúmeras semânticas, nas várias verdades, nos inúmeros discursos, nas inúmeras línguas ou vozes sociais com que atribuímos sentido ao mundo (FARACO, 2009).

Logo, a dissertação argumentativa possibilita ao aluno assumir um posicionamento no interior do diálogo com outras vozes, na medida em que, não apenas pressupõe o outro, mas é a imagem mesma dele que leva o escritor a promover determinados ajustes em seu texto, em função das expectativas que antecipa em relação a seu interlocutor. Em outras palavras, “o escritor se desloca de sua posição para assumir o lugar desse outro imaginado, distancia-se de seu texto e o revisa.” (MENDES; COSTA, 2020, p. 21). Isso requer identificar-se com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, coincidir com ele, para que, de volta ao lugar único ocupado inicialmente, se complete seu horizonte por meio do excedente de visão adquirido (BAKHTIN, 1997).

Embora tal discussão acerca do acabamento do eu pelo outro tenha sido pensada para as relações no domínio estético, entende-se, pela mesma ótica bakhtiniana, que essas relações são constitutivas da linguagem e de todo e qualquer discurso e é por meio delas que o autor conclui seu enunciado. (PUZZO, 2015). Logo, o dialogismo é, sobretudo, um princípio filosófico de agir pelo contraste com outros atos, uma “condenação ética” de levar o outro em conta (SOBRAL, 2009). Em suma,

Pelo princípio da exotopia, eu só posso me imaginar, por inteiro, sob o olhar do outro; pelo princípio dialógico, que, em certo sentido, decorre da exotopia, a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento. Em suma, no universo bakhtiniano nenhuma voz, jamais, fala sozinha. E não fala sozinha não porque estamos, vamos dizer, mecanicamente influenciados pelos outros - eles lá, nós aqui, instâncias isoladas e isoláveis - mas porque a natureza da linguagem é inelutavelmente dupla (TEZZA, [s. d.]

Por isso, na realidade, o que existe não é uma forma acabada, pronta, mas sempre em devir. Havendo sempre atrás do texto um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage (FARACO, 2009, p. 43), há sempre novas valorações e sentidos a serem despertados pelo encontro de consciências na

interação socioverbal. Por conseguinte, “o texto é reelaborado, reinterpretado e acabado a cada vez que um destinatário diferente entra em contato com ele, preenche os vazios interpretativos com suas próprias convicções e ideias, reinterpreta os valores axiológicos do autor à luz de seus próprios valores e ideologias.” (MENDES; COSTA, 2020, p. 23).

Pode-se colocar, então, que a palavra do sujeito é plena de alteridade, visto que a sua existência convoca as palavras do outro a entrar no diálogo e imprimir nele novos acentos de valor, novas matizes de sentido, de um modo inelutavelmente próprio. É o que explica Ponzio (2010, p. 32)

A palavra enquanto ato singular e responsável, como o considera Bakhtin, vive na relação de alteridade como relação de *diferença não indiferente*. Trata-se da palavra como evento irrepitível que, enquanto tal, subtrai-se à *indiferença* de um sujeito cognoscente, a uma consciência abstrata, a uma visão teórica. E se subtrai justamente pela *não-indiferença* que consiste, de um lado, na responsável participação de quem a assume como seu ato e, de outro, na responsável participação que essa já requer, na sua própria forma, no seu *dizer* além do conteúdo, no seu *dito*, daquele ao qual se dirige de modo único, irrepitível e insubstituível (grifos do autor).

Portanto, como referido, o acontecimento único da existência e o lugar único que se ocupa nela é o que implica essa orientação axiológica, a impossibilidade de ser neutro (BAKHTIN, 1997, p. 144). Nesse aspecto, entende-se que a produção do enunciado dissertação argumentativa é apenas uma das muitas formas de o aluno gravar na história a sua singularidade, pois o ato de viver é já sozinho, em última análise, estar condicionado a performar gestos axiologicamente responsivos num processo incessante e contínuo (FARACO, 2011, p. 22).

2.3 Sobre a noção da autoria

A imprescindibilidade do outro à constituição do enunciado é uma realidade incontornável quando se interpreta a teoria bakhtiniana. Particularmente, a autoria é um conceito-chave nessa discussão, pois é entendida, a princípio, como a posição estética criadora que expressa o todo da obra (BAKHTIN, 1997) ao dar acabamento ao seu objeto (herói/personagem) com a sua visão “de fora” e, portanto, integral dele. Logo, apenas o autor é capaz de entender o acontecimento da obra, pois somente ele é capaz de acessar o que o outro não consegue de si mesmo – tendo uma vez se identificado com ele e retornado ao lugar original externo – e se fazer outro do outro (LEMOS, 1994).

Nesse sentido, conforme Lemos (1994, p. 42), a extraposição ocupada pelo autor não lhe permite coincidir com nenhuma das vozes englobadas no discurso, nem com sua própria imagem, ambos da instância do representado, em contraposição à instância de representação do autor. Sendo assim, ele atua como um “dramaturgo”, uma vez que atribui um discurso/papel diferente às vozes participantes da cena da obra. À vista desse pensamento, pode-se entender que o autor é, conforme o termo empregado neste trabalho, um orquestrador de vozes, já que

autorar, nesta perspectiva, é orientar-se na atmosfera heteroglóssica; é assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais; é explorar o potencial da tensão criativa da heteroglossia dialógica; é trabalhar nas fronteiras.” (FARACO, 2011, p. 87)

Seguindo esse raciocínio, Lima (2018) mostra que a autoria tem a ver com uma postura inerente ao sujeito ao realizar o ato, a sua atitude concreta enquanto um autor responsável do ato que promove a construção do sentido, do que é verdade. Essa ação é possível pelo tom emocional-volitivo (a entonação valorativa/apreciativa) que marca justamente o posicionamento do sujeito, como “um passo, um movimento responsivo e responsabilmente consciente da consciência, que transforma a potencialidade na atualidade de uma ação realizada (pensar, sentir, desejar etc.)” (LIMA, 2018, p. 67).

Em adição, conforme Bakhtin (1997, p. 315), “as palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos”, isto é, o elemento expressivo individual do enunciado, configurador da autoria, é uma reelaboração de acentos outros que recobriram a palavra ao longo de sua história. Isso porque, segundo Lima (2018), não há uso da linguagem sem uma assinatura, uma responsabilidade do sujeito em relação a ele. Portanto, “é tomando a palavra alheia e ressignificando-a que surgem as possibilidades da criação autoral. Essa interação, em jogo permanente, mantém a circulação dos sentidos, e coloca o aluno em nível de interlocutor/autor.” (PETRUS *et al*, 2022, p. 23).

3 METODOLOGIA

Este estudo se constitui em uma pesquisa descritiva, tendo em vista seu objetivo, bem como os instrumentos utilizados para a coleta e análise de dados (GIL, 2002) e interpretativista, pois se buscou investigar os processos que subjazem à produção e à compreensão linguística (DIVAN e OLIVEIRA, 2008). Quanto à natureza dos procedimentos empregados, a pesquisa é tanto bibliográfica quanto documental. Conforme Gil (2002), a distinção entre os dois tipos de pesquisa nem sempre é clara, mas um elemento importante a se considerar é que as fontes da pesquisa documental são mais diversificadas e dispersas, enquanto a pesquisa bibliográfica se refere especificamente às contribuições de diversos autores sobre determinado assunto.

Logo, foram coletadas 69 dissertações argumentativas de estudantes concluintes do Ensino Médio, das quais 5 foram selecionadas aleatoriamente. Simultaneamente, recorreu-se a trabalhos contemporâneos – ancorados na Análise Dialógica do Discurso (ADD) – acerca de temas como dialogismo, voz, posicionamento, autoria e dissertação argumentativa, a fim de nortear e embasar teoricamente a análise dos enunciados dos estudantes. Dentre as obras acessadas, destacam-se, nesta pesquisa, os periódicos científicos disponíveis em meio eletrônico.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da cidade de Recife (PE), com duas turmas de 3º Ano, uma com 37 e outra com 39 alunos, todos com idade entre 16 a 18 anos. Dessa maneira, adotaram-se os seguintes critérios de inclusão para os participantes: (1) estar regularmente matriculado no 3º Ano do Ensino Médio da escola onde se realiza a pesquisa; (2) apresentar disponibilidade e interesse em contribuir com o estudo. Como critérios de exclusão, por sua vez: (1) não ser concluinte do Ensino Médio; (2) não pertencer oficialmente à escola onde se realiza a pesquisa, ainda que no mesmo município.

Para a adesão dos participantes, foi realizada, em dia previamente acordado com a professora regente de Língua Portuguesa do 3º Ano do Ensino Médio da escola, a primeira visita às turmas. Esse momento foi feito com o fim de apresentar a pesquisa e esclarecer todas as dúvidas dos potenciais interessados, incluindo a

participação voluntária e a possibilidade de desistência durante o processo, de forma a assegurar o compromisso da pesquisa em zelar pela ética e proteção deles na consecução de todas as suas etapas.

No primeiro encontro, foram explicados os procedimentos necessários para o envolvimento na pesquisa, isto é, a leitura e preenchimento dos Termos de Consentimento pelos alunos e pelos responsáveis (para os estudantes menores de 18 anos) e o comparecimento à aula no dia marcado para a produção da dissertação argumentativa. Posteriormente aos esclarecimentos, foi perguntado quais alunos desejavam contribuir com o trabalho e entregue a esses os Termos correspondentes a sua condição legal, com a solicitação de que eles analisassem atentamente cada página e providenciassem as assinaturas necessárias. Ao final, foi acordado um dia da semana seguinte para a entrega e revisão dos Termos, como meio de definir os estudantes aptos a integrar a atividade e, na sequência, um novo dia para a produção dos textos.

Esse último momento, da coleta de dados, se deu por meio da disponibilização de uma ficha, de autoria própria, com quatro textos motivadores do tema “A figura da mulher na sociedade brasileira contemporânea” e de uma folha final de redação anexa a uma folha de rascunho. Os gêneros dos textos motivadores, a sua disposição no espaço gráfico, as instruções para a escrita, assim como a fonte e tamanho das letras utilizados na ficha basearam-se no modelo da prova de Redação do ENEM, a fim de instaurar uma experiência familiar de práticas em relação ao gênero para o estudante, o que amplia o seu domínio sobre ele e sobre a situação comunicativa que o engendra (PRADO e MORATO, 2017). Durante a entrega das fichas e a produção da dissertação pelos alunos, não houve a intervenção da pesquisadora no que tange a comentários sobre a temática proposta.

A etapa ocorreu em um único encontro e teve um tempo-limite de duração de 1h30min. Conforme a passagem do tempo, os alunos foram notificados para que se organizem quanto à conclusão do texto. Finalizadas as produções, os textos foram recolhidos e identificados com códigos alfanuméricos, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes.

Em seguida, foi realizada a leitura das produções e a seleção dos cinco exemplares pelo critério de Amostragem Aleatória Simples (AAS), pelo qual todos os componentes do conjunto inicial possuem a mesma probabilidade de serem selecionados e são igualmente significativos para a pesquisa, isto é, possuem igual representatividade (GIL, 2002). Esses textos compõem o *corpus* de análise da pesquisa, trazido em discussão no tópico seguinte.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Segundo Baronas e Tonelli (2011), a escrita é privilegiada na concepção bakhtiniana como um percurso capaz de traduzir a voz humana na medida em que é portadora dos sentidos da existência. Analogamente, nas produções analisadas, os alunos atualizaram esses sentidos ao confrontar o signo *mulher*, como se vê logo a seguir, em que o aluno inicia o texto² acionando tal memória discursiva, particularmente as valorações sociais sobre o gênero:

Texto 1

Quando falamos a palavra “*mulher*”, vem na nossa cabeça uma dona de casa cuidando dos seus afazeres, fazendo o seu papel “*como*

² Os trechos foram reproduzidos tal como escritos originalmente pelos estudantes. Logo, não foi realizada a revisão gramatical.

mulher”. Muitas vezes a figura feminina é vista de forma fraca, frágil e indefeza, nos causando a impressão de que a mesma só está apta para exercer funções pré-determinadas como arrumar a casa, cuidar dos filhos e ser uma boa esposa, nos levando a crer que elas não são capazes de cumprir com outras funções o que na prática não é verdade.

No Brasil ao longo dos anos ocorreram diversos protestos e manifestações feita por mulheres que lutam pelo seu espaço na sociedade não só como uma “*senhora do lar*”, mas também, como uma policial, uma bombeira e até mesmo uma presidente, cargos estes que são voltados para homens pois os mesmos possuem “*vocação*” para isto. [...] (grifos nossos)

No excerto, percebe-se que o aluno³ desenvolve uma contextualização da temática já revelando, no tratamento dado à voz alheia, uma intenção discursiva de contestá-la, que preside todo seu enunciado (KNOLL e PIRES, 2020). Essa é evidenciada pela utilização das aspas, que não se faz de maneira igual no texto. No primeiro caso, aponta uma unidade linguística, que possui *significação* e é, portanto, reiterável. Nas demais ocorrências, as aspas isolam os limites de um enunciado, unidade da comunicação verbal, a qual possui um *tema* individual e único, gerado em cada situação concreta de realização (BAKHTIN, 2006). Logo, as expressões “como mulher”, “senhora do lar” e “vocação” configuram o discurso alheio demarcado (FIORIN, 2011) e, assim, exemplificam o funcionamento do dialogismo no interior de um mesmo texto, o qual passa a atuar “como um intertexto que responde ou dialoga com outros” (KNOLL e PIRES, 2020, p. 343).

A declaração inicial do texto é bastante curiosa pela sua referência ao próprio conceito tratado neste trabalho, quer dizer, o da palavra como um signo ideológico, portadora de uma valoração social, da qual não podemos escapar ao usá-la – “vem na nossa cabeça”. O texto engenhosamente prova isso quando traz ecos desse imaginário social nos trechos “como mulher”, “senhora do lar” e “vocação”, os quais são citações diretas à voz machista – particularmente masculina – facilmente lembrada, por sua dominância, quando se enfrenta o signo “mulher”,

Vale destacar que a voz alheia poderia ser reconhecida como tal no fio do discurso do estudante caso não fossem utilizadas as aspas, mas o uso dessa pontuação possivelmente serve aqui ao propósito de precisar a extensão do enunciado do outro e, ao mesmo tempo, expressar um afastamento em relação a ele (SILVA, 2020). Significa, então, algo para além do sinal linguístico. Especialmente no plano argumentativo, evidencia a não identificação das vozes e a disputa de sentidos do enunciado.

Inicialmente, o produtor aproxima a si e a seus interlocutores dessa *outra* voz, aludindo a adesão tácita em algum grau desses participantes do diálogo à mesma concepção que ela assume sobre o gênero feminino. Nesse contexto, a marca linguístico-discursiva da terceira pessoa do plural contribui com esse projeto discursivo, conferindo ao texto um tom de conversa com o leitor. Logo mais adiante, o aluno prossegue dando mais pistas acerca das crenças sobre a mulher representada pela voz citada, desta vez, porém, de maneira mais objetiva, impessoal, analítica – “muitas vezes a figura feminina é vista de forma fraca, fragil e indefeza”. Tais traços são próprios do discurso indireto (WITTKÉ, 2018). Tal construção do trecho o faz assumir, no todo do parágrafo, um valor de fato, de dado da realidade, sendo capaz de exercer semanticamente uma relação de causa e consequência com o primeiro período do texto, comentado acima.

³ Escolheu-se fazer uso do masculino genérico para se referir aos participantes da pesquisa sem identificá-los.

No texto 1, o fio condutor da argumentação é, portanto, além do preconceito contra a mulher, a desigualdade entre os gêneros, já que a dissertação alude claramente a enunciados sexistas, os quais têm por fundamento a criação de estereótipos para os gêneros. É interessante perceber que o estudante modula o seu discurso para marcar sua opinião frente a eles, como observa-se em: “causando a impressão” e “levando a crer”, trechos que indicam a visão do produtor acerca do caráter falacioso dos enunciados citados. Paralelamente, o uso do marcador de exclusividade – “só” – na linha 4 e de negação – “não” – na linha 6 instaura um tipo não marcado de inserção do discurso do outro no enunciado, o discurso bivocal (FIORIN, 2011).

Conseqüentemente, antes mesmo de o aluno formular propriamente a sua tese na linha 7 – “o que na prática não é verdade” – , a sua voz é ouvida sob a voz alheia nesses enunciados, negando-a. Assim, é possível ler-se que a mulher *não* só está apta para exercer funções domésticas e maternais (linha 4) e as mulheres *sim* são capazes de cumprir outras funções (linha 6). Além disso, embora a voz a que o indivíduo responde não corresponda a um sujeito identificado, é personalizada, isto é, liga-se a um autor, pois aponta para uma vontade criadora e uma posição determinada à qual se pode reagir dialogicamente (BARONAS e TONELLI, 2011). Desse modo, nos últimos exemplos abordados, a resposta do sujeito e o enunciado para o qual essa reação se dirige estão dados num mesmo espaço semiótico, na palavra, em que há a mistura entre as vozes, sendo a voz do outro reacentuada pela voz do aluno.

O antagonismo dessas vozes não explícitas no enunciado ainda configura um caso de polêmica velada, já que a construção discursiva claramente aponta para posições em confronto (FIORIN, 2011). O discurso direto contribui com esse projeto de discordar aparentemente concordando, como demonstra o trecho das linhas 12 a 14. Nele, a palavra “vocação”, como justificativa para a ocupação de certos cargos pelo homem, é um argumento usado pelo grupo que se opõe ao envolvimento da mulher na política, recuperado do primeiro texto motivador⁴ da proposta, cujo tema era a manifestação do presidente nacional do PSL Luciano Bivar contra o aumento da eleição de mulheres na política.

A reprodução desse enunciado na dissertação do estudante provoca um sentido de efeito contrário ao esperado, na medida em que o recorte operado pelo estudante põe em xeque o valor de verdade da voz citada. Logo, como efeito da sobreposição de valorações, o enunciado assume uma feição irônica, pois gera um duplo sentido pela combinação do dito e do não dito no ato enunciativo, sendo a atitude deste dada em relação àquele (SANTOS; MARQUES; RODRIGUES, 2019).

Dessa maneira, o uso da palavra alheia, ancorado na ambigüidade característica da ironia, promove no enunciado uma atualização de sentidos sob a forma de um questionamento a essa visão acerca da mulher, evidenciando a sua fragilidade e inadequação. Tais valorações são ativadas necessariamente junto ao interlocutor, uma vez que a ironia apresenta um papel argumentativo que obriga a sua participação no reconhecimento da verdadeira intenção do autor (MORAES, 2011).

O texto 2, de uma maneira diferente, inicia com a citação direta a uma frase popular e notavelmente polêmica, construída em resposta à máxima machista “lugar de mulher é na cozinha”:

4

Texto 2

Como na frase “mulher é para ta aonde ela quiser” faladas por famosos de TV, muitas mulher lutam para conseguir um *luga de importancia*, na sociedade brasileira, por meio do seu merecimento. *Que na maiorias das vezes são vista, de mal forma pelos homens, por achar que lugar de mulher é em casa* isso são os efeitos da figura da mulher brasileira na sociedade contemporânea.

Muitas manifestasão tiveram que acontecer durante a Evolução dos anos para que as milhas tivesse a direito de fala, em muito lucal, aonde pordece se abordado esse tema na sociedade brasileira muitas mulheres são alvo de muita violencia verbais e fisicas, na maioria das vezes so por elas esta em lugar que os *homen pensa que, so ele pode comanda*. [...] (grifos nossos)

Na introdução do texto, observa-se que a expressão “lugar de importancia” é densa de sentidos, pois se refere aos lugares para além da esfera doméstica, espaço inferiorizado nas relações sociais, juntamente com a mulher. Nesse sentido, o trecho guarda um contraponto com a ocupação de senhora do lar, com as atividades historicamente associadas ao gênero feminino, e reverbera o sentido de emancipação quanto às decisões da vida da mulher e, conseqüentemente, de acesso igualitário aos lugares já (sempre) ocupados pelo homem.

A voz citada e com a qual o estudante concorda trata desse *outro lugar* não apenas como uma possibilidade, mas um direito da mulher – “é para ta”, conforme a sua vontade – “onde ela quiser”. Esse direito, contudo, é, no texto, reconhecidamente não garantido devido ao preconceito, o que explica a afirmação de que as mulheres “*lutam* para conseguir [...] por meio do seu *merecimento*.”

Logo, com “merecimento”, o aluno indica o seu ponto de vista sobre a mulher, colocando-se contra a sua desqualificação em atividades predominantemente masculinas. O trecho contido nas linhas 4 e 5 esclarece esse ponto, mostrando que o produtor do texto, diante da preponderante divergência da voz machista, afirma a capacidade e o mérito da mulher na realização de quaisquer atividades

Assim como no texto 1, aqui há a referência a manifestações ocorridas em defesa dos direitos da mulheres, a aqual alude ao movimento feminista e figura como uma reação a uma voz que nega à mulher o simples respeito nos espaços públicos de diálogo. Em contrapartida, o texto 2 nomeia culpados, pois responsabiliza explicitamente os homens por esse pensamento – “na maiorias das vezes são vista, de mal forma *pelos homens*” –, enquanto o texto 1 não é tão incisivo na questão.

Outra semelhança com o texto 1 é a construção da polêmica no modo de entrada do discurso do outro no próprio discurso. No texto 2, tanto no primeiro quanto no segundo parágrafos, faz-se uso do discurso indireto. Nele, a escolha dos verbos para introduzir o pensamento alheio guarda a intenção de demonstrar o engano por trás da visão referida: “na maiorias das vezes são vista, de mal forma pelos homens, por *achar* que lugar de mulher é em casa [...]” (linhas 4-5); “por elas esta em lugar que os *homen pensa que, so ele pode comanda*.” (linhas 11-12).

Como é possível perceber, neste trabalho, a palavra voz é tomada como sinônimo de opinião, ideia, ponto de vista, postura ideológica (BARONAS e TONELLI, 2011). Logo, não se considera como voz apenas uma fala com contornos específicos de uma réplica do diálogo no sentido elementar do termo, isto é, de uma conversa face a face, mas todo posicionamento de um indivíduo, grupo ou instituição social acionados nas dissertações. Nos exemplos em apreço do texto 2, a voz em

questão é justamente a concepção de que a mulher não serve para ocupar os mesmos espaços sociais e exercer as mesmas funções que o homem. Como esse pensamento é reportado pelas palavras do aluno, não por algum enunciado específico propagado pelos indivíduos que advogam o ideal machista, tem-se o discurso indireto.

Indo ao encontro desse raciocínio, o texto 3 discute mais aprofundadamente acerca de tal visão da mulher, inclusive tocando no tema da voz:

Texto 3

“Nós percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciadas”. Frase dita por Malala Yosafza que remete a importância da mulher na sociedade, mesmo sendo desprezada e oprimida a ficar calada é preciso *transmitir sua verdadeira essência*. A mulher muitas vezes considerada como quem só serve pra cuidar dos filhos, limpar, cozinhar, desvalorizada de várias formas, xingadas e até mesmo mortas por pessoas que não enxergam a grande representatividade da mulher não só no país, mas em todo mundo.

Em virtude do caos que vivemos onde a mulher é tida como objeto e nomeada de palavrados insanos, temos a verdadeira representação da mulher na sociedade contemporânea. A mulher tem a plena convicção e potencial de alcançar o que deseja, mas, na sociedade contemporânea vem sido muito limitada em situações como por exemplo, atuando em área militar ou na política, a mulher pode ser vista como *“coitada”, “sem potencial”, “fraca”* chegando até o ponto de: *“isso não é coisa de mulher, isso é coisa de homem”* e apesar de ser algo errado e inaceitável todo esse preconceito, tem se tornado comum atualmente. [...] (grifos nossos)

O texto se abre com uma citação direta de autoridade, em que a palavra voz é uma metáfora para “vez”, “expressão”, “posicionamento”, “ponto de vista”. Remete também ao conceito de “lugar de fala”, uma vez que, com a história de luta da ativista e os debates em torno da valorização da mulher, entende-se que a importância da voz falada aqui é apagar da imagem feminina valores sexistas e misóginos imputados impunemente ao longo do tempo e promover justiça no tratamento do gênero, medidas que passam necessariamente por ouvir uma mulher. Não à toa, o comentário seguinte à citação dá ao conceito de voz um sentido de ação, e ação protagonizada pela mulher junto a outros – “transmitir sua verdadeira essência”.

“Verdadeira essência” é a contrapalavra do aluno às representações da mulher existentes na sociedade, as quais ele menciona no parágrafo – “quem só serve pra cuidar dos filhos, limpar, cozinhar [...]”. Nesse pequeno trecho, ele não apenas expõe o seu olhar sobre a figura feminina, mas também destaca, em “verdadeira”, a contraposição desse posicionamento a outras visões criadas sobre a mulher, em sua opinião não correspondentes ao real. Tal movimento, na fronteira das vozes (FARACO, 2009), é explicitado no início do segundo parágrafo, no qual o autor apresenta os dois lados do confronto.

Nas linhas seguintes, o aluno segue fazendo uso do discurso direto, mas desta vez sem atribuir a voz a um sujeito particular. De fato, isso não é mesmo necessário, pois, assim como no texto 1, os enunciados “coitada”, “sem potencial”, “fraca” e “isso não é coisa de mulher, isso é coisa de homem” são distinguidos na heteroglossia social como vozes de indivíduos machistas, que condicionam a realização feminina ao serviço no lar. Também mais uma vez ressoa aqui a ideia de as posições de poder serem uma prerrogativa masculina, pois, conforme o aluno, áreas como a militar e a política – ambas meios de exercer liderança civil – são as

que menos acolhem a mulher, pela força que o sexismo estrutural ganha nesses microespaços.

Quando o assunto é a discriminação de gênero, são muitos os qualificativos que a mulher recebe. Um dos principais e mais antigos talvez seja a alcunha de “sexo frágil”, explorada no exemplo 4:

Texto 4

A figura da mulher brasileira desde a antiguidade até os dias atuais tem sido muito “*menosprezada*”, onde as pessoas acham e dizem que a mulher não tem a capacidade para determinados trabalhos ou posições só por serem um sexo “*frágil*”, como eles dizem. Sobre esse assunto há muito a se falar.

A alguns anos atrás a mulher era vista como uma pessoa que você casava, construía uma família e ela tinha o papel de cuidar da casa, dos filhos e ainda do marido, como se fosse uma empregada. Infelizmente até os dias atuais ainda existe um pouco desse pensamento na nossa sociedade. Onde a mulher é usada, menosprezada, submissa e sexualizada através das músicas atuais, como diversão para os homens.

Onde mulheres não podem assumir cargos políticos porque não é sua “*vocação*”, quando na sociedade que estamos hoje ela pode ser e alcançar qualquer tipo de posição. *Temos que lutar para quebrar esse tabu que diz que mulher é sexo frágil, mulheres todos os dias enfrentam batalhas pelo simples fato de serem mulheres.* Assédios, estupro, violência, feminicídio, desvalorização, entre outros. [...] (grifos nossos)

O texto 4 apresenta uma configuração bastante semelhante aos demais quanto à abordagem da voz alheia. No parágrafo de abertura, quando o aluno aborda o tratamento dado à mulher pela sociedade, faz uso do discurso direto, procedimento que, conforme tem-se mostrado, indica a reprodução exata do enunciado de um sujeito determinado. Assim, o produtor do texto mantém a sua posição de fiel transmissor da palavra do outro, sem apropriar-se dela e assumir o risco de ser associado ao seu conteúdo, a que diretamente se opõe.

Isso explica porque, no primeiro parágrafo, “*menosprezada*” aparece entre aspas. Diferentemente de “*frágil*”, que é um atributo imensamente usado como argumento do grupo machista em defesa da inaptidão do gênero oposto, “*menosprezada*” se refere apenas a uma ação sofrida pela mulher nas relações sociais, não sendo um termo que por si só comprometa o aluno com algum enunciado discriminatório. Há, portanto, uma preocupação do estudante em separar a sua voz da voz citada. Sabe-se que, em alguns casos, esse cuidado pode ser consequência de se estar lidando com os direitos de propriedade da palavra e a questão da autenticidade, ocasião na qual há menos liberdade na utilização do discurso do outro (WITTKE, 2018). Em outras situações, como a presente, a determinação dos limites da voz alheia ocorre principalmente como indicador da divergência de posições no enunciado, como foi apontado na discussão do texto 1.

Já no segundo parágrafo, “*menosprezada*” aparece no conjunto de outras violências praticadas contra a mulher sob o jugo machista – “a mulher é usada, menosprezada, submissa e sexualizada” –, o que talvez explique o seu uso sem aspas, pois esse contexto não aciona nenhum alerta para o estudante a respeito de a palavra ser de outrem e, em tal condição, imprimir no enunciado sentidos indesejados. Além disso, mesmo sendo um parágrafo do desenvolvimento, observa-se ainda a continuação da problematização do tema, na qual o aluno mostra que, apesar dos avanços, a mulher permanece sendo vista como inferior ao homem

e, por conseguinte, como um objeto que esse pode dominar e dispor para os mais diferentes fins.

No último parágrafo, há um contraste interessante de tipos de enunciados. Primeiramente, há o enunciado polêmico, indiscutivelmente irônico, em “mulheres não podem assumir cargos políticos porque não é sua ‘vocação’”. Tal polêmica é dada de modo explícito, uma vez que o trecho não termina aí, antes traz separadamente a voz do aluno como uma outra parte do conflito – “quando na sociedade que estamos hoje ela pode ser e alcançar qualquer tipo de posição”. Mais adiante, o autor se vale da categoria argumentativa de consenso, haja vista a incontestável desigualdade de gênero enraizada na sociedade, para assegurar a validade de sua opinião ante qualquer questionamento, criando a ilusão de que a sua voz corrobora a voz social (GUARIGLIA, 2012).

Logo, a afirmação de que “mulheres todos os dias enfrentam batalhas pelo simples fato de serem mulheres”, apesar de não travar textualmente nenhuma relação semântica com o trecho imediatamente anterior, assume, na argumentação, um valor de justificativa, explicação, o que é reforçado ainda pela enumeração seguinte dessas batalhas, a saber, “assédios, estupros, violência, feminicídio, desvalorização, entre outros.” Dessa maneira, a necessidade do combate à discriminação feminina mencionada pelo aluno tem peso factual, isto é, ancora-se em uma constatação aceita pela maior parte dos interlocutores.

Do mesmo modo, é possível prever, no mesmo trecho, uma abordagem alternativa da voz machista, no sentido de fazer frente a ele exatamente na palavra “frágil”. É de se notar a estrutura paralelística, na qual se lê: “mulher é sexo frágil, mulheres todos os dias enfrentam batalhas”. Nesse novo contexto, permanece o sentido de explicação da segunda parte do enunciado, mas agora ele é acrescido de um valor de correção, pela instauração da polêmica aberta, na qual claramente se entrecrocavam duas visões diametralmente opostas sobre a mulher. Por conseguinte, o trecho completo passa a ser entendido como algo semelhante a: “Temos que lutar para quebrar esse tabu que diz que mulher é sexo *frágil*, (pois) mulheres são *fortes*.”

De todo modo, a recorrência ao que é de concordância geral é um recurso bastante explorado nas dissertações argumentativas, principalmente quando se deseja conquistar a atenção do leitor e “prendê-lo” no texto. Uma das formas de se fazer isso é pela introdução, começando, por exemplo, com uma declaração forte, que já expressa a visão do autor:

Texto 5

Tendo em vista o atraso do nosso país na pauta do lugar da mulher na sociedade contemporânea, deve-se confrontar com inteligência *as mãos que tentam calar a voz feminina, homens, em sua maioria*.

Herdada de tempos muito distantes, a dominação dos homens sobre as mulheres ocorria em todos os aspectos, tanto no econômico quanto no moral, de modo que *o próprio direito fundamental de ir e vir, presente na nossa constituição atual, estava mais para um “meio direito”, acabando conforme a permissividade do marido*. O que surgiu como meio de aumentar a funcionalidade e a eficiência da produção de sustento da sociedade, acabou ao mesmo tempo com a liberdade feminina, resultando em toda sorte de intempéries que assombram esta população.

Começando pela figura da mulher, *constituída de fragilidade, desamparo na ausência de um homem, e um ser destinado a gerar e a cuidar de crianças*. Ainda hoje vemos, mesmo na esfera política comentários que impõem os ofícios das artes ou dos cuidados – isto é, da saúde –, como algo essencialmente feminino, à exemplo do que disse o Presidente do PSL, Luciano Bivar, sobre a política não ser “*da mulher*”. Tal

contratempo impede com frequência as políticas assertivas para a mulher, como a distribuição de absorventes gratuitos etc., *coisas que só as mulheres sabem de fato de sua necessidade*. [...] (grifos nossos)

O texto 5, em especial, demonstra uma organização estratégica no desenvolvimento das partes da dissertação. Em sua abertura, o autor, pautado na urgência do tema, constrói um raciocínio lógico de implicação, anunciando o alvo da crítica e a sua posição em relação a ele, pela seguinte fórmula – “Tendo em vista o atraso [...], deve-se confrontar [...]”. Nesses termos, o aluno propositadamente introduz os homens como fonte das representações errôneas da mulher vigentes na sociedade.

Na sequência, além da voz machista masculina, elemento comum em todos os textos analisados até aqui, o aluno cita a voz da Constituição para apontar a não completa efetividade do aparato legal no que tange à mulher, posto que o homem era o intermediário de suas relações. Essa é uma observação perspicaz, pois o aluno observa que os direitos humanos não funcionam igualmente entre os gêneros, afinal até há pouco tempo (séc. XVIII) as mulheres não eram consideradas humanas, mas filhas ou esposas de humanos (COLLING, 2019). Desse modo, ele consegue defender com êxito o ponto de vista de que a sociedade sempre enxergou a mulher como um ser dependente do homem e à mercê de sua vontade.

Ainda cumpre apontar nesse trecho o uso das aspas em “meio direito”, motivado não pela inclusão de uma nova voz no enunciado, mas pelo reconhecimento e antecipação do aluno do estranhamento que a expressão suscita. A palavra “direito”, significando garantia, assecuramento, é avessa à ideia de um benefício parcial, com condições. Por isso, a construção do enunciado revela um tom sarcástico do aluno à medida que apresenta a face absurda do problema, como fica claro pelo duplo reforço da natureza do direito que está sendo abordado, posta em contraponto com a sua validade prática: “o *próprio* direito *fundamental* de ir e vir, presente na nossa constituição atual, estava mais para um “meio direito” [...].

Das linhas 14 a 16, a introdução da voz alheia é feita de um modo que se aproxima ligeiramente do discurso indireto livre, pela ausência de indicadores para demarcação do início e fim do enunciado citado, como os dois pontos e o travessão do discurso direto ou a conjunção integrante do discurso indireto (FIORIN, 2011). É evidente que o produtor não compactua com a visão que apresenta da figura feminina, mas o modo como o seu enunciado está pontualmente construído faz com que o trecho “constituída de fragilidade, desamparo na ausência de um homem, e um ser destinado a gerar e a cuidar de crianças” possa ser atribuído simultaneamente a ele e ao indivíduo machista.

Enquanto o texto 1 apenas alude ao posicionamento de Luciano Bivar acerca da maior participação política feminina, o texto 5 faz uma citação direta de sua fala, apontando a autoria e informando, inclusive, a ocupação do autor – “disse o Presidente do PSL, Luciano Bivar”. Da fala é recortado, como voz externa, exatamente o trecho “da mulher”, o que endossa a crítica do texto à tendência sexista de segregar os gêneros em compartimentos estanques e incomunicáveis, com características preestabelecidas.

O estudante encerra, então, mostrando que, de fora dos espaços públicos de decisão e consequentemente sem chance de poder realizar maiores intervenções nos assuntos de interesse coletivo e particularmente nos relacionados a sua própria condição, à mulher resta esperar pelo “favor” do homem, gênero que socialmente tem a propriedade de ser “líder nato”. O aluno, então, resume o problema do pensamento de Bivar na falta de representatividade feminina.

Finalmente, a subrepresentação da mulher é apontada no texto não apenas como um efeito, mas também como um dos pilares de sustentação dos ideais machistas, pois com “coisas que só as *mulheres* sabem de fato de sua necessidade”, o produtor não fala da ingenuidade masculina em relação ao universo feminino, nem apenas do tema da pobreza menstrual. A sua voz está voltada para a persistência da invisibilização da mulher, do descaso generalizado e da marginalização vivenciados pelo gênero, que fazem essa parcela social procurar em si mesma o único reduto de superação das desigualdades no acesso aos direitos. Nesse enunciado em específico, sob a voz do aluno, ecoa a voz feminista de apelo à aliança e fortalecimento mútuo entre as mulheres – à sororidade.

A análise de tais exemplos trouxe, portanto, um dado especialmente significativo para a pesquisa. Todas as dissertações guardam como elemento comum a presença das palavras do outro em sua feição original, *in natura*, significando que cada autor escolheu reproduzir em seu texto o acento apreciativo alheio e assim descortinar para o leitor o processo de formação de seu posicionamento. Com isso, entende-se que, mesmo o discurso direto já alterando a apreciação da voz citada, a produtividade desse recurso nos textos demonstrou haver uma necessidade de o aluno primeiramente situar e distinguir as forças que habitam a palavra – as quais concorrem pela centralização ou plurivalência dos discursos (FARACO, 2009) – para depois movimentar-se nessa zona heterogênea e assumir uma posição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram analisadas cinco dissertações argumentativas observando-se o modo como elas reúnem e organizam diversas vozes sociais para estabelecer um posicionamento acerca da mulher. Assim, descobriram-se nos enunciados diferentes formas de dialogismo acionadas na estruturação do projeto argumentativo, resultantes da exploração do discurso marcado e não marcado. Desse modo, a voz alheia entrou na composição da voz do aluno tanto de maneira explícita quanto velada, produzindo sentidos de complementação, negação, distorção, ironia, sátira, etc.

Logo, a análise dos exemplos demonstrou haver nas dissertações uma apropriação planejada da voz alheia, de modo que a inserção desse outro enunciado foi uma peça fundamental da defesa do ponto de vista do estudante. Prova disso foi a recorrência do diálogo com as vozes nas diferentes partes do gênero, a qual tornou possível entender o papel dessas no interior da orquestração verbal em curso e, em decorrência, os propósitos do sujeito produtor com o cruzamento de tais posições avaliativas em um mesmo enunciado.

Constatou-se, ainda, uma predominância do uso do discurso direto, embora muitas vezes sem a identificação da autoria. Nesses casos, a voz alheia foi tomada como uma lembrança, uma “presença ausente” de um enunciado de outrem, o que determinou o uso das aspas para demarcar as fronteiras entre uma e outra voz. Ao lado disso, o discurso bivocal, na forma de vozes diluídas no discurso (NASCIMENTO, 2018), derrubando as fronteiras entre a voz própria e do outro, completou o quadro enunciativo delineado pelos alunos. Sendo assim, as dissertações adotaram caminhos ora menos ora mais complexos no agenciamento das vozes, a exemplo da variedade encontrada de discurso bivocal – como os tipos de polêmica e o discurso indireto livre –, a qual produziu diferentes disfarces da voz alheia sob a voz do aluno.

Logo, o trabalho possibilitou mapear pistas do encontro de vozes nas

dissertações argumentativas, as quais evidenciaram o trabalho de orquestração desses dizeres nos arranjos criados pelo sujeito produtor para manifestar seu posicionamento axiológico e dar um acabamento a seu enunciado. Por fim, a consideração dos dados apresentados redundou também no aprofundamento da compreensão do que vem a ser a autoria, considerando a existência de diferentes planos axiológicos arquitetonicamente ativos no enunciado do estudante (FARACO, 2009) e o lugar que eles assumem conforme a intenção de tal sujeito. Nesse sentido, a pesquisa demonstrou a constituição de cinco autores, uma vez que revelou a natureza ativa de sua posição no trabalho com as outras vozes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras**, Santa Maria, n. 33, p. 23-35, dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11921>. Acesso em: 5 out. 2022.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Pontes: Campinas, 1988.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Pontes: Campinas, 1989.

BRASIL/INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. **A redação do ENEM 2020: cartilha do participante**. 2020. Disponível em: <https://s4.static.brasilescuela.uol.com.br/vestibular/2021/01/a-redacao-do-enem-2020--cartilha-do-participante.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2022.

BARONAS, R. L.; TONELLI, F. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 268-280, ago./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/7286>. Acesso em: 26 jul. 2022.

BARONAS, R. L.; ARAUJO, L. M. B. M.; PONSONI, S. Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 2, n. 8, p. 24-42, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200003>. Acesso em: 26 jul. 2022.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin**. 1 ed. Edusp: São Paulo, 1994. p. 11-27.

COLLING, A. M. Direitos humanos e direitos das mulheres – desafios contemporâneos. *In*: CANABARRO, I. S.; STRUCKER, B. (Orgs.). **Memória & Direitos Humanos: desafios contemporâneos**. Porto Alegre (RS): Editora Fi, 2019. p. 35-50.

CUNHA, D. Vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no jornal nacional da Rede Globo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/128319/133040>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DIVAN, L. M. F.; OLIVEIRA, R. P. A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. **Gragoatá**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 185-202, 2. sem. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33149>. Acesso em: 21 mar. 2022.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, Pontes, 1987.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 143-164, 2ª sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3015>. Acesso em: 5 out. 2022.

GARCIA, O. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 27. ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2010.

GERALDI, V. Leitura: uma oferta de contrapalavras. **Educar**, Curitiba, v. 18, n. 20, p. 77-85, Dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2099/1751>. Acesso em: 9 mar. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARIGLIA, R. Diálogos na dissertação escolar: um estudo sobre os enunciados de senso comum e de polêmica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 88-106, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8877>. Acesso em: 9 mar. 2022.

IBGE. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. [Rio de Janeiro]: **IBGE**, 2018a. (Estudos e pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 9 mar. 2022.

KNOLL, G. F.; PIRES, V. L. Análise dialógica do discurso e a sustentabilidade como valor da argumentação na publicidade: análise de anúncios de uma instituição bancária. **Revista Linguagem em Foco**, v. 12, n.3, 2020. p. 339-360. Disponível

em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4371>. Acesso em: 17 out. 2022.

LEMOS, C. T. G. de. A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de Bakhtin. *In*: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin**. 1 ed. Edusp: São Paulo, 1994. p. 37-43.

LIMA, S. M. M. Sujeito em Bakhtin: autoria e responsabilidade. **Percursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 8, n. 19, p. 59-76, set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/20305/14247>. Acesso em: 22 set. 2022.

MENDES, M. R.; COSTA, A. F. Dialogia, enunciação e exotopia na análise do discurso – uma reflexão teórico-epistemológica. *In*: LIMA, A. H. V.; PITA, J. R.; SOARES, M. E. (orgs.). **A linguística na teoria e na prática**. 1 ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 16-27. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/linguistica-teoria>. Acesso em: 9 mar. 2022.

MORAES, A. L. F. Provérbios: da fala para a escrita. *In*: 1º COLÓQUIO INTERNACIONAL DE TEXTO E DISCURSO - CITED, 1., 2011. **Anais eletrônicos [...]** São Paulo: UNESP - Campus de Assis, 2011. p. 551-565.

MUSSIO, S. Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo. **Estudos Linguísticos**, n. 30, p. 178-190, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16522#:~:text=Simone%20Cristina%20Mussio-,Resumo,a%20ser%20dial%C3%B3gico%20por%20natureza>. Acesso em: 22 set. 2022.

NASCIMENTO, M. R. V. S. A heterogeneidade enunciativa em memes do “Bode Gaiato”. **Entrepalavras**, v. 8, n. 1, p. 50-70, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1047/489>. Acesso em: 9 mar. 2022.

NASCIMENTO, M. R. V. S. Vozes e representações acerca do *ser mulher*: a polêmica no discurso antifeminista no *Instagram*. *In*: MARTINS, D. M.; MATEUS, Y. G. A. S. (orgs.). **Direitos humanos e movimentos sociais**. Mato Grosso do Sul: Inovar, 2021. p. 188-204.

NÓBREGA, A. N. A.; ABEU, A. R. Vozes argumentativas e posicionamento autoral na produção escrita escolar. **Gragoatá**, Niterói, n. 38, p. 247-267, 1. sem. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33309>. Acesso em 22 set. 2022.

PETRUS, *et al.* A escrita e o outro: dialogismo e formação do sujeito autor. **Revista do GELNE**, Natal/ RN, v. 24, número 1, p. 15-29, mar. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/24572/15517>. Acesso em: 22 set. 2022.

POLACHINI, N. R. S. **Redações do Enem/2012: réplicas ativas nas múltiplas vozes**. 2014. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2014.

POSSENTI, S. Índícios de autoria. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10411>. Acesso em: 9 mar. 2022.

PRADO, D. F.; MORATO, R. A. A redação do ENEM como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão. **Cadernos CESPUC**, n. 29, p. 205-219, mar. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2016n29p205>. Acesso em: 9 mar. 2022.

PUZZO, M. B. Gênero discursivo, estilo, autoria. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 172-189, dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/105646/106258>. Acesso em: 17 out. 2022.

RODRIGUES, J. N.; RANGEL, M. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1015 - 1142, set./dez. 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fd55/0f3abf58adf4421d0fbb271f331cd756cb18.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

SANTOS, A. C.; MARQUES, G. G. B.; RODRIGUES, S. G. C. A ironia como zona de confronto entre diferentes vozes/dizeres em comentários do Facebook. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 28-50, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/38576/27015>. Acesso em: 17 out. 2022.

SILVA, R. G. C. A construção do ponto de vista por meio das relações dialógicas da linguagem: o discurso do outro como recurso argumentativo em produções textuais de vestibulandos. **Leitura**, Maceió, n. 66, p. 11-121, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10045/7904>. Acesso em: 9 mar. 2022.

SILVA, T. C. G. O “Discurso de Outrem” em Bakhtin e o Círculo: por uma Compreensão Responsiva do Texto. **Revista da Anpoll**, v. 51, n. 1, p. 48-58, jan./mai. 2020. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1252>. Acesso em: 9 mar. 2022.

SOBRAL, A. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. **Bioethikos**, v. 3, n. 1, p. 121-126, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/bioethikos/articulo/o-conceito-de-ato-etico-de-bakhtin-e-a-responsabilidade-moral-do-sujeito>. Acesso em: 9 mar. 2022.

TEZZA, C. A construção das vozes no romance. **Cristovão Tezza**, [s. d.]. Disponível em: http://www.cristovaotezza.com.br/textos/palestras/p_vozesromance.htm. Acesso em: 9 mar. 2022.

VIDON, L. N. Autoria em redações de vestibular: considerações a partir da perspectiva bakhtiniana. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 419-432, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1169>. Acesso em: 9 mar. 2022.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica**. Tradução para uso didático feita por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. [s.d.]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6363517/mod_resource/content/1/VOLOSHI NOV%20V.%3B%20BAKHTIN%20M.%20Discurso%20na%20vida%20e%20o discurso%20na%20arte..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6363517/mod_resource/content/1/VOLOSHI%20NOV%20V.%3B%20BAKHTIN%20M.%20Discurso%20na%20vida%20e%20o%20discurso%20na%20arte..pdf). Acesso em: 8 nov. 2022.

WITTKE, C. I. O papel do discurso do outro na crônica. **Estudos da Lingua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 1, p. 103-117, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/4883/3855>. Acesso em: 17 out. 2022.

APÊNDICE A - FICHA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
 2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
 3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para a contagem de linhas.
 4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada “texto insuficiente”.
 - 4.2. fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.
-

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

Presidente nacional do PSL, Luciano Bivar se posicionou contra a regra de cota que determina que 30% dos candidatos devem ser mulheres. Em entrevista à Folha, o político disse que “[a política] não é muito da mulher. Eu não sou psicólogo, não. Mas eu sei isso”. Segundo ele, política é uma questão de vocação e a mulher não tem. “Se os homens preferem mais política do que a mulher, tá certo, paciência, é a vocação. Se você fizer uma eleição para bailarinos e colocar uma cota de 50% para homens, você ia perder belíssimas bailarinas, porque a vocação da mulher para bailarina é muito maior do que a de homem”, disse. Sendo psicólogo ou não, é preciso pensar duas vezes antes de falar que alguém não tem vocação para alguma coisa. Neste ano, a Assembleia Legislativa bateu o recorde de mulheres eleitas na Câmara dos Deputados, representando um aumento de 50% em comparação aos números de 2014. Será que elas realmente não se interessam por política?

Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-vezes-que-o-governo-se-posicionou-de-forma-irresponsavel-com-as-mulheres/>. Acesso em 27 de janeiro de 2022 (fragmento).

TEXTO II



Angel Boligan. Disponível em: <http://www.omulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>. Acesso em 27 de janeiro de 2022.

TEXTO III

Você já pensou qual o verdadeiro significado do “pedir a mão”?

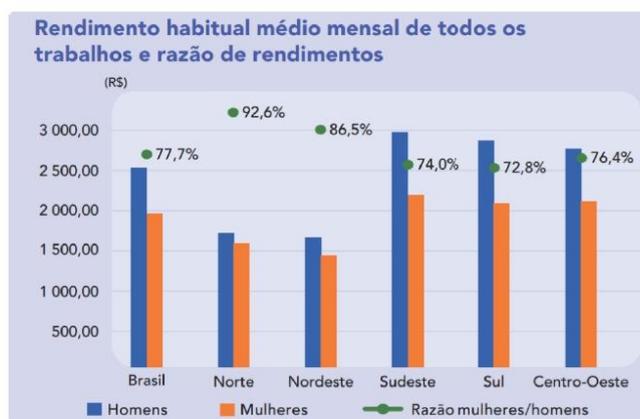
Nem sempre o casamento ocorreu somente pelo amor entre os parceiros. Na antiguidade, as pessoas se casavam para iniciar famílias, de forma que a alimentação e a segurança era mais fácil em grupos maiores.

Na idade média acreditava-se que o casamento era o modo mais seguro de acumular e transmitir riquezas, deixar herdeiros ou construir patrimônios, de uma geração para outra. Antigamente, “pedir a mão” da noiva tinha sentido do tato, com as quais exploramos o mundo e realizamos tarefas. O papel da mulher no casamento era o de

cuidar integralmente da casa, dos filhos e do marido. Lavar, passar, limpar, cozinhar, servir, arrumar, dar banho nas crianças, vestir, alimentar, botar para dormir. Mãos que faziam sozinhas e que, apesar de não parar um minuto, ainda estavam dispostas a fazer um carinho no marido, cujas mãos trabalham, principalmente, fora de casa [...]

Disponível em: <https://www.joaonakamoto.com.br/single-post/2017/08/02/a-origem-do-pedido-da-mao-em-casamento#:~:text=Antigamente%2C%20%E2%80%9Cpedir%20a%20m%C3%A3o%E2%80%9D,adquirir%E2%80%9D%20as%20m%C3%A3os%20da%20noiva.&text=M%C3%A3os%20que%20se%20unem%2C%20se%20atividade%20%C3%A9%20quem%20as%20realiza>. Acesso em 27 de janeiro de 2022 (fragmento adaptado).

TEXTO IV



IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**A figura da mulher na sociedade brasileira contemporânea**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo, sobretudo pelo dom da vida, que me redundou em saúde, força e capacidade para concluir este trabalho. A prof^a. Dr^a. Marcela Nascimento, pela confiança e acompanhamento em minha trajetória de pesquisa até aqui. A toda minha família, especialmente meu esposo, minha mãe e minha sogra, por estarem sempre ao meu lado, fornecendo-me todo auxílio possível. Agradeço ainda aos amigos pelo encorajamento, pela alegria e pelas boas memórias que guardarei da graduação.